

O RESGASTE DE MEMÓRIAS: O TOPÔNIMO MONSENHOR HORTA

Izadora Lopes*

Soélis Teixeira do Prado Mendes**

RESUMO

Propomo-nos a realizar uma análise lexicográfica, seguindo pressupostos teóricos-metodológicos da onomástica, em busca da motivação do nome do distrito Monsenhor Horta (pertencente à Mariana, MG) e o porquê da antiga denominação – São Caetano - ter sido preterida. Para tanto, colhemos testemunhos linguísticos ou registros da memória de 10 Participantes que colaboraram para esta pesquisa, e analisamos os aspectos históricos e socioculturais que circundam o distrito sob análise. Como referencial teórico, para as concepções de memória, cultura e patrimônio baseamo-nos em Hall (2006), Geertz (2008) e Assmann (2011), quanto aos estudos do léxico, para analisarmos o topônimo em questão, apoiamo-nos em Biderman (1998), Oliveira e Isquerto (1998) e Dick (1999), assim a pesquisa colabora para desvelar um passado desaparecido e para explicar parte da história do Português Brasileiro em Minas Gerais. Por isso afirmamos que o léxico indicia o modo como um grupo vê a realidade que o circunda e a forma como designa as coisas (cf. Dick 1990a, 1990b, 1996, 2004). Como conclusão, verificamos que a substituição dos denominativos, de São Caetano para Monsenhor Horta, teve como motivação o desejo de homenagear um pároco local, o qual até hoje, é reverenciado pelos moradores católicos.

Palavras-chave: Cultura, Memória, Toponomástica.

* Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: izadoralopes@aluno.ufop.edu.br ORCID 0000-0001-5128-8911

** Doutora em Estudos Linguísticos, professora e pesquisadora da Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: soelis@ufop.edu.br ORCID 0000-0002-3792-4974

RESCUING MEMORIES: THE TOPONYM MONSENHOR HORTA

Abstract

This paper proposes to carry out a lexicographical analysis by following theoretical-methodological assumptions of onomastics, in search of the motivation for the name of Monsenhor Horta (a small village belonging to Mariana, Minas Gerais) and why the old name, São Caetano, has been overlooked. To this end, we collected linguistic testimonies or memory records from 10 Participants who collaborated in this research, and analyzed the historical and sociocultural aspects surrounding the village under analysis. As regards the theoretical framework, for the concepts of memory, culture and heritage, this investigation is based on Hall (2006), Geertz (2008) and Assmann (2011). Regarding lexical studies, in order to analyze the toponym under study, the research relies on Biderman (1998), Oliveira and Isquerdo (1998) and Dick (1999). Thus, this study contributes to reveal a lost past and to explain part of the history of Brazilian Portuguese in Minas Gerais. Therefore, we affirm that the lexicon indicates the way a group sees the reality that surrounds them and the way it designates things (cf. Dick 1990a, 1990b, 1996, 2004). Lastly, we verified that the substitution of denominatives, from São Caetano to Monsenhor Horta, was motivated by the desire to honor a local priest, whose memory is, to this day, revered by the Catholic residents.

Keywords: Culture, Memory, Toponomastics.

RESCATAR MEMORIAS: EL TOPÓNIMO MONSENHOR HORTA

Resumem

Este artículo se propone realizar un análisis lexicográfico siguiendo supuestos teórico-metodológicos de la onomástica, en busca de la motivación del nombre de Monsenhor Horta (pequeño pueblo perteneciente a Mariana, Minas Gerais) y por qué el antiguo nombre, São Caetano, ha cambiado. Para ello, recogimos testimonios lingüísticos o registros de memoria de 10 participantes que colaboraron en esta investigación, y analizamos los aspectos históricos y socioculturales que rodean al pueblo bajo análisis. En cuanto al marco teórico, para los conceptos de memoria, cultura y patrimonio, esta investigación se basa en Hall (2006), Geertz (2008) y Assmann (2011). En cuanto a los estudios léxicos, para analizar el topónimo en estudio, la investigación se apoya en Biderman (1998), Oliveira e Isquerdo (1998) y Dick (1999). Así, este estudio contribuye a revelar un pasado perdido y explicar parte de la historia de los portugueses brasileños en Minas Gerais. Por tanto, afirmamos que el léxico indica la forma en que un grupo ve la realidad que lo rodea y la forma en que designa las cosas (cf. Dick 1990a, 1990b, 1996, 2004). Finalmente, verificamos que la sustitución de denominativos, desde São Caetano hasta Monsenhor Horta, fue motivada por el deseo de honrar a un sacerdote local, cuya memoria es, hasta el día de hoy, venerada por los residentes católicos.

Palabras clave: Cultura, Memoria, Topomástica.

INTRODUÇÃO

De acordo com Saussure (1995), o signo linguístico é de natureza arbitrária, porque significante e significado não mantêm entre si uma relação natural, são, pois, imotivados. Essa arbitrariedade permite à língua possuir um mesmo significante com mais de um significado ou vice e versa. Mas será que todos os signos são imotivados?

Um item lexical poderá assumir um sentido de acordo com o contexto, com o texto e a situação discursiva na qual os interlocutores estão inseridos. Tomemos o significante *canto* que terá o significado de *ponta, esquina, quina, duas superfícies que se encontram* quando se referir a local, mas também poderá estar relacionado à música. Já a palavra *manga*, de acordo com o uso, poderá assumir o valor de *uma parte de uma peça de roupa* (por onde passa o braço, parte do corpo.), de uma *fruta* (típica da mangueira) ou, ainda, referir-se à 3ª pessoa do singular, do presente do indicativo do verbo *mangar* (zombar, caçoar). Essas são palavras denominadas homônimas, cuja pronúncia e escrita são as mesmas, mas os significados são diferentes; assim, o sentido é dado conforme alguns elementos que nele interferem, como o contexto no qual essas palavras estão sendo usadas, por exemplo. De acordo com Duarte Júnior (1988), quando apreendemos um novo significado de uma palavra, nosso mundo não é mais o mesmo:

[...] esse objeto à minha frente. Não sei o que é, não sei de sua utilidade, nunca o vi antes. Alguém me informa: “isto é um grampeador - com ele podemos prender juntas algumas folhas de papel”. Se de agora em diante me falarem de um grampeador, saberei do que se trata. Meu mundo se ampliou, nele coube mais um nome, mais um objeto significativo. O grampeador – o objeto e a palavra que o representa – passou a fazer parte do meu mundo (Duarte Júnior, 1988, pág. 17).

No entanto, conforme as investigações de Dick (1990), no que diz respeito ao signo toponímico¹, ao contrário, esse possui caráter motivacional. Em outros termos, a escolha do nome de um espaço físico não é aleatória, isto é, ela pode ter sido motivada pelas características do local, por uma motivação particular de quem a nomeou ou pela escolha coletiva de seus moradores/frequentedores, dentre outros motivos.

Talvez seja oportuno afirmar que o estudo dos topônimos é um importante recurso pelo qual é revelada a visão de mundo, os valores, as crenças, as ideologias e os costumes daqueles que viveram em um determinado espaço físico. A escolha do nome poderá ser justificada seja por quem o nomeou seja por um aspecto do referente nomeado.

Ao nos basearmos nessa perspectiva, propomo-nos, neste artigo, realizar um análise lexicográfica, seguindo pressupostos teóricos-metodológicos da onomástica, em busca da motivação do nome do distrito Monsenhor Horta (pertencente à Mariana, MG) e o porquê da antiga denominação – São

¹ De acordo com Dick (1990), embora o topônimo em sua estrutura “seja uma forma de língua, ou um significante, animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire dimensão maior, marcando-o duplamente: o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se no ato de batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo” (DICK, 1990, p. 38).

Caetano - ter sido preterida; pretendemos, assim, identificar aspectos históricos e socioculturais que permitam identificar a motivação do atual nome do local, e acreditamos que, assim, vamos conhecer por que houve a troca de nomes.

Como nosso objetivo é criar uma ficha lexicográfica deste topônimo – Monsenhor Horta – vamos, para elaborá-la, além de contar com uma pesquisa bibliográfica, também faremos uma pesquisa de campo por meio da qual entrevistaremos 10 moradores do distrito, que possuem mais de 70 anos e que residam no local há mais de 40 anos, não haverá preferência pelo gênero dos participantes. Essa entrevista é parte integrante da dissertação de mestrado intitulada *A toponímia de Mariana e de seus distritos: Estudo de um patrimônio léxico-histórico-cultural* - defendida no programa de pós-graduação Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Ouro Preto e cuja pesquisa teve aprovação do Conselho de Ética da mesma universidade, ratificada pelo parecer CAAE: 60435822.3.0000.5150. Número do Parecer: 5.651.489. O objetivo dessas entrevistas é verificar, junto à comunidade local, qual ou quais foram as motivações para a criação do nome do referido distrito.

Para além disso, serviram-nos, também, como procedimento metodológico as orientações da Toponímia e de disciplinas afins com ênfase nas categorias taxionômicas, que representam as principais motivações toponímicas brasileiras, sugeridas por Dick (1990a, 1990b, 1996, 2004) além do método dialetológico utilizado por Dauzat (1926).

O presente artigo está assim dividido: inicialmente, faremos um breve histórico da criação do distrito, em seguida trataremos do referencial teórico; depois apresentamos e discutimos os dados levantados que permitiram a criação da ficha lexicográfica.

1. O DISTRITO DE MONSENHOR HORTA: BREVE HISTÓRIA

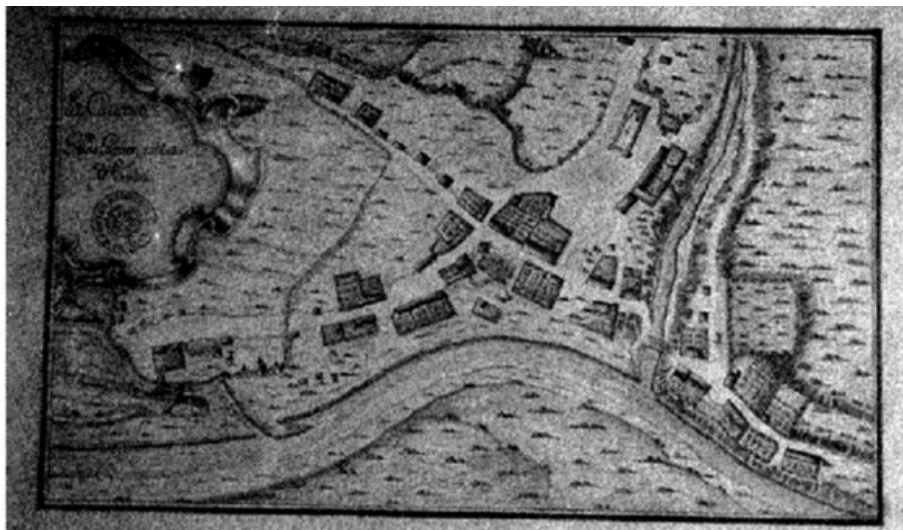
Monsenhor Horta é distrito da cidade de Mariana (MG) desde o século XVIII, mas antes de nos determos a essa localidade, discorreremos um pouco sobre a criação de arraiais, vilas e cidades nas Minas Colônia. No final do século XVII, o termo *arraial* designava os pousos e roças que os bandeirantes criavam ao longo das trilhas para assegurar a sua sobrevivência. Após a descoberta das minas, essas trilhas transformaram-se em caminhos – mais ou menos praticáveis, dependendo das características dos terrenos – pelos quais transitava um grande número de viajantes e tropeiros. Alguns pousos existentes ao longo destas vias tornaram-se pontos de encontro de agricultores e comerciantes, e, em torno desses locais, surgiram povoados que também eram chamados arraiais (Fonseca, 2011, p. 64). Durante o século XVII, o termo “arraial” recebeu destaque ao ser associado aos povoados criados a partir das zonas mineradoras. Segundo Fonseca (2011), as localidades sofreram transformações e passaram a ser centradas na busca pelo ouro. Os termos “freguesia” e “capela”, por sua vez, fazem parte do léxico eclesiástico e, para Fonseca (2011), passaram a desempenhar papéis fundamentais nas taxionomias urbanas de Minas Gerais, mas esses termos podiam substituir a palavra “arraial”. Inicialmente, a paróquia era definida como um espaço habitado pelos fiéis que frequentavam a mesma igreja matriz. Afirma Fonseca (2011) que os limites dessa paróquia se constituíam à medida que o povoamento se intensificava, dando origem a novas paróquias ao redor.

O surgimento dos arraiais de Mariana (MG) ocorreu poucos anos depois da ocupação de Ribeirão do Carmo e, geograficamente, encontram-se próximos uns dos outros e também da sede. De acordo com Fonseca (2011, p. 92), “[...] por volta de 1705, Furtado conseguiu obter do bispo a criação de uma segunda paróquia, em São Caetano, a jusante do mesmo ribeirão do Carmo, onde se situava a maior parte de seus domínios.” Logo em seguida, ele conseguiu, “no mesmo vale, três outros arraiais” os quais se tornariam sedes de novas paróquias: Furquim, São Sebastião e Sumidouro. Paralelamente à história de Ribeirão do Carmo, em 1699, há a fundação do Arraial da Vargem, feita pelo sertanista Miguel Garcia de Almeida, ao que se seguiu, depois de algum tempo, a criação dos distritos: (i) Camargos, por Tomaz Lopes de Camargos e seus irmãos; (ii) Cachoeira do Brumado, por João Pedroso; (iii) São Sebastião, por Sebastião Fagundes Varela; e (iv) Furquim, por Antônio Furquim da Luz. Tais arraiais representaram centros econômicos ligados à mineração e à exploração aurífera. A localização geográfica deles possui diversas semelhanças: são encadeados e seguem os cursos dos rios, e entre eles a distância é pequena, geralmente, cerca de 15 quilômetros.

O conceito de “vila”, segundo Fonseca (2011), não deve ser entendido somente como uma pequena porção de terra e habitações, mas como a sede administrativa, a câmara e os poderes religiosos. Assim, acredita-se que as vilas, nesse período, foram estabelecidas com vistas ao domínio português nesse território, o qual foi inicialmente impulsionado por ocasião das expedições bandeirantes. Desde os primórdios de Minas Geris, a região testemunhou uma evolução significativa em suas localidades

O processo de transformação de Mariana e de seus distritos, durante o século XVIII, envolvia fatores econômicos, sociais e religiosos, na evolução de arraiais para freguesias e paróquias. Foi no ano de 1711, com a elevação do arraial de Ribeirão Nossa Senhora do Carmo, que o território de Minas Gerais, a pedido do então governador, Antônio de Albuquerque, deu início a um processo de crescimento urbano e administrativo. Já no ano de 1745, a Vila de Nossa Senhora do Carmo, na condição de sede episcopal, recebe preferência para se elevar à primeira cidade, Mariana, a qual permitia vislumbrar “[...] um panorama bastante completo do conjunto de critérios que permitiam avaliar a “grandeza” das povoações – a história, a economia, a composição social, a importância demográfica, as comodidades do sítio, o traçado das ruas, a arquitetura (Fonseca, 2011, p. 346).

Sobre o nome dos distritos, alguns deles conservam seus repectivos topônimos criados no período colonial; contudo, a maioria passou por processos de alterações, por vários motivos. O topônimo Monsenhor Horta foi atribuído a posteriori, pois, segundo Trindade (1928), esse distrito era conhecido outrora como Freguesia de São Caetano e, depois, São Caetano de Mariana. Recebeu título de paróquia em 1742 e se tornou colativa pelo alvará de 16 de janeiro de 1752, com a chegada do Padre Caetano Lopes Pereira. Ainda conforme o autor, a denominação “Monsenhor Horta” é recente, do século XX, e foi instituída pelo Decreto-lei n. 1.058, de 31 de dezembro de 1943 (Minas Gerais, 1943).

Figura 1 - Planta de São Caetano “nas Geraes e Matto Dentro” (1731. A.H.U. - Arquivo Historico Ultramarino. Lisboa).²

Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa

A *Figura 1* apresenta uma planta militar do arraial de São Caetano no início do século XVIII. Notam-se a igreja dentro das diretrizes do Arcebispado e os quadrados representando lotes, muito bem delimitados. Do lado esquerdo do leitor, percebe-se um campo de atividade mineradora. Um dos primeiros habitantes dessa localidade teria sido Antônio Fernandes Cardoso, que para ali foi no período de fome e miséria em Ribeirão do Carmo. Nessa ocasião, acabou descobrindo lavras de ouro:

Para lá se dirigiu o Coronel, e visto á final ter descoberto mananciais tão ricos, como foram os do Carmo, passou á residir definitivamente nessas paragens. Em 1703 o Padre Francisco Gonçalves consagrou a Capella, que no Morro Grande o Coronel construiu sob a invocação de Nossa Senhora de Loreto, e que por algum tempo serviu para administração dos Saeramentos aos povos circunvisinhos. Foi o berço de que se desenvolveu populoso e opulento arraial de S. Caetano (Vasconcelos, 1904, p. 122).

No que se refere a algumas informações mais pontuais, Trindade (1928) acrescenta que a paróquia de São Caetano de Mariana foi erigida pelo bispo em 1742, conforme registros da Câmara Episcopal. Em 16 de janeiro de 1752, recebeu a classificação de colativa, por meio de alvará.

APORTE TEÓRICO

2.1 LINGUAGEM, MEMÓRIA, SOCIEDADE, CULTURA E PATRIMÔNIO

Como assunto que vamos discutir neste artigo está relacionado ao resgate da memória sobre a motivação da criação do topônimo Monsenhor Horta, distrito da cidade de Mariana (MG), sabemos que propor uma pesquisa que envolva linguagem, especificamente o léxico, sociedade, memória, cultura e patrimônio, requer do pesquisador uma definição ou definições dos elementos teóricos com os quais trabalhará, vamos a elas.

² In: <https://ahu.dglab.gov.pt/fundos-e-colecoes/>, acessado em 02 de setembro de 2024.

A língua é uma atividade social e cultural que é produzida por todos que pertencem a uma comunidade ou região, criando uma identidade cultural. Ao realizarmos uma pesquisa sobre língua, investigamos, também, a cultura e a identidade de seus falantes, a essa última podemos chamar, com base em Hall (2006), de identidade cultural. Segundo esse autor, a identidade cultural se liga a aspectos de nossas identidades que nascem de nosso pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e nacionais.

Sobre o conceito de “cultura” baseamo-nos em Geertz (2008) de acordo com quem a linguagem é inseparável da cultura, servindo como um sistema simbólico pelo qual os falantes se comunicam e interpretam o mundo ao seu redor. Por isso, a língua se torna um recurso da cultura, pois é capaz de expressar valores, crenças, costumes essenciais para a construção da identidade cultural. Por meio da cultura é que se transmitem tradições, história e valores de geração a geração. Os estudos de Geertz enfatizam o papel dos símbolos na construção e na comunicação de significados culturais, corporificados pela linguagem, e nos ajudam a compreender como esta última é utilizada em situações do cotidiano. A linguagem produz significados, faz referências e expressa as coisas do mundo; é, portanto, instrumento de construção das relações sociais, das identidades culturais, que são complexas e variáveis e têm como característica a sua transmissão entre gerações, acompanhando as mudanças da sociedade ao longo do tempo.

A memória contribui para preservar essa cultura, e a materialização dessa memória é também tarefa da língua - oral ou escrita -. Esta última, conforme Assman (2011), faz parte de um “projeto de eternização”:

[...] os egípcios enalteciam a escrita como o médium mais seguro da memória. Quando olhavam retrospectivamente para a própria cultura, em um lapso temporal de mais de mil anos, ficava-lhes claro que construções colossais e monumentos jaziam em ruínas, mas os textos daquela mesma época ainda eram copiados, lidos e estudados (p.195).

Chamamos a atenção para o fato de que a língua eterniza a memória e, ao fazer isso, materializa e também eterniza a si própria, conforme podemos inferir da citação abaixo:

[...] ao enfrentarmos documentos em língua portuguesa de outros tempos anteriores ao nosso, certas formas parecerão estranhas, embora inteligíveis, ou irreconhecíveis. As formas levemente estranhas [...] em geral continuam em nosso sistema contemporâneo como resíduos históricos, mantidos por uma norma gramatical conservadora, centrada na língua escrita. As formas totalmente estranhas ou irreconhecíveis, por outro lado, atestam estágios anteriores ao sistema: que nem mesmo a norma padrão escrita preservou. (Tarallo, 1990, p. 19)

Essas “formas totalmente estranhas ou irreconhecíveis” só podem ser apreendidas porque a escrita permite entrever o passado de uma língua, seja no nível fonético e fonológico, lexical, morfossintático ou semântico; ou seja, a técnica da escrita remove “a memória de dentro do ser humano”, tornando-a fixa e independentemente “dos portadores vivos.” (Assman, 2011, p. 367)

O topônimo sob análise, como já discutido na seção anterior, está localizado em Mariana, primeiro núcleo populacional de Minas Gerais. Realizar um estudo histórico dos topônimos, nessa cidade, que é o próprio patrimônio em si, torna-se cada vez mais necessário, devido à crescente importância de compreender e pre-

servar a riqueza cultural e identitária embutida nos topônimos. Isso porque, à medida que o tempo avança, a toponímia local pode ser impactada; portanto, investigar a história dos nomes de lugares torna-se crucial para preservar a memória coletiva, a herança cultural e a relação intrínseca entre o passado e o presente. Nessa direção, aposta-se no imenso aglomerado de informações que detém essa região tão peculiar de Minas Gerais.

Como já se discutiu anteriormente, a linguagem é o meio pelo qual se podem acessar as práticas e a memória coletiva de uma comunidade. Tendo esse aspecto em vista, a intenção do presente trabalho é, então, apresentar informações sobre os mais diversos aspectos do topônimo sob análise, levando em conta, para isso, os testemunhos linguísticos e os aspectos históricos e socioculturais que apontam para um passado desaparecido e que ajudam a explicar parte da história do Português Brasileiro em Minas Gerais e no Brasil.

2.2 As ciências do léxico

Como o estudo do léxico, especificamente da Toponímia, será questão central desta proposta de artigo, é mister apresentar-lhe uma definição e delimitação na literatura linguística. Como bem nos lembra Biderman (1998), o léxico pode ser primariamente definido como aquele que “[...] constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo” (Biderman, p.11). Esse registro ocorre através do ato de nomear: em outros termos, se a coisa existe, nomear é preciso:

[...] desde o princípio de nossa história, tivemos a necessidade de nomear o mundo que nos circunda, [...] dar nomes a tudo o que está a nossa volta, como plantas, animais, instrumentos de trabalho, entre tantas outras coisas (Murakawa; Nadin, 2013, p. 8).

O léxico possui uma relação muito próxima à história cultural da comunidade que o utiliza, o que permite entrever o modo de vida, o modo como seus integrantes apreendem a realidade e como recortam o mundo e se organizam nele, além de também permitir sistematizar os muitos aspectos do conhecimento. Por isso, as autoras Oliveira e Isquierdo (1998) defendem que o léxico é um “saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, [e] constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-lingüístico-cultural.” (p.8)

Na memória dos falantes está armazenado um conjunto de formas léxicas que lhes permite acessar informações ou dados sobre o universo linguístico-cultural o qual é responsável pela apreensão e organização simbólica, por parte desses falantes, da realidade que os rodeia. Por isso afirmamos que o léxico indicia o modo como um grupo vê a realidade que o circunda e a forma como designa as coisas. Como esse olhar é direcionado pelas experiências próprias do indivíduo que vê, é coerente afirmarmos que o léxico também define eventos de cultura.

O léxico pode ser entendido, entre as mais diversas definições, como um imenso acervo de itens léxicos de um determinado idioma dos quais as pessoas fazem uso constantemente. É um sistema aberto, complexo e variável, por estar mais diretamente relacionado à realidade humana. Por isso, recebe influências de valores, de costumes e de crenças que constituem um conjunto, além de ser transmitido de geração a geração, adquirindo, assim, qualidade de patrimônio vocabular de uma comunidade linguística. Nos Estudos do Léxico, o objeto de estudo é a unidade lexical, que inclui a Lexicologia, a

Lexicografia, a Terminologia e a Fraseologia. Na Onomasiologia, embora não seja possível traduzir todos os contextos e todos os referentes, há alguma motivação para algo, e tal motivação é responsável pela nomeação de um determinado lugar.

O léxico pode ser entendido, então, como um componente dinâmico da linguagem e está essencialmente ligado ao patrimônio cultural imaterial de uma comunidade. Cada lexia é uma manifestação do conhecimento e, por vezes, um repositório de costumes de uma cultura. Não existe outra maneira eficaz de compreender e preservar as informações contidas nessas palavras: os estudos do léxico são essenciais à proteção, ao conhecimento e à valorização do patrimônio léxico-histórico-cultural dos povos.

2.2.1 A Onomástica

A perspectiva dos nomes próprios é estudada pela Onomástica, que, por sua vez, é uma subárea da Lexicologia. No interior dessa primeira, é possível analisar dois objetos de estudo. Primeiramente, há a *Antroponomástica*, cujo foco de estudo são os nomes próprios de pessoas, os nomes individuais, os apelidos, os sobrenomes e as alcunhas. Em segundo lugar, há a *Toponomástica*, cujo estudo debruça-se sobre a origem dos nomes de lugares. A Onomástica é uma área que permite uma interdisciplinaridade com a História, a Sociologia, a Antropologia e a Geografia.

A Figura 2 abaixo representa a Onomástica, os seus dois campos semânticos e a intersecção entre eles. Conforme Dick (1999), essa área está ligada ao léxico; entretanto, de forma diferente quando se trata do estudo dele em geral, visto que ela engloba também nomes próprios, conforme já se discutiu anteriormente. Nessa figura, a área denominada *onoma* (*ὄνομα*, *ónoma*), “nome”, representa o ponto de intersecção entre a Toponomástica e a Antroponomástica. Isso quer dizer que, do mesmo modo que o antropônimo – isto é, como já dito, os nomes próprios de pessoas, os nomes individuais, os apelidos, os sobrenomes e as alcunhas – pode se tornar um topônimo, o inverso também acontecer. A primeira possibilidade mencionada, no entanto, é mais comum.

2.2.1.1 A toponomástica

A Toponomástica é uma disciplina científica que estuda a origem histórica dos nomes de lugares e que, conforme já se viu, é uma área que contribui com material para disciplinas como a História, a Sociologia, a Antropologia e a Geografia. A Toponomástica estuda os nomes de localidades que estão divididas na micro e macrotoponímias rural e urbana das cidades; ou seja, trata-se de um estudo toponímico que, primordialmente, analisa as entidades físicas e humanas de uma região. Nessa direção, inserem-se outras demais ramificações desses estudos: nomes de estabelecimentos comerciais, nomes de edifícios e nomes de escolas

Os topônimos não são apenas elementos linguísticos, mas também funcionam como vestígios tangíveis do passado, revelando o processo de ocupação e de formação de povos que ali viveram ao longo do tempo. Assim os topônimos carregam consigo camadas toponímicas de significado histórico e socio-cultural que enriquecem a compreensão sobre a região estudada.

Por isso, um estudo toponímico é de extrema importância, pois pode contribuir para o arcabouço linguístico-cultural da Região dos Inconfidentes, na qual se localiza Monsenhor Horta. Assim, esta pesquisa aborda uma questão muito valiosa: a recuperação de memórias coletivas que perduraram ao longo do tempo, assim como aquelas que ainda estão presentes nos lugares e relacionadas especialmente aos nomes de lugares. Nesse contexto, salienta-se a afirmação de Abreu (1998) que destaca a importância de resgatar o passado, conservar o presente e proporcionar às futuras gerações uma memória e a construção de sua identidade. Ademais, vale considerar também o que assevera Melo (2012, p. 91) num estudo sobre topônimos de um município de Alagoas:

Falar sobre estes designativos é retratar a história sociocultural da constituição do léxico onomástico-toponímico municipal alagoano, na medida em que revelam características ideológicas, fatos políticos, culturais e históricos, como também, mostrar o fundamento do nome próprio em nossa civilização (Melo, 2014, p. 91).

A seguir vamos apresentar e analisar como tanto os dados orais quanto os dados oficiais explicam a motivação para a criação do topônimo Monsenhor Horta.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Por envolver, muitas vezes, nomeações antigas, a recuperação da origem dos denominativos associados à toponímia tratada aqui passa a ser, cada vez mais, emergente. O topônimo é fonte de acontecimentos e da representatividade, como o sentimento de pertencimento. Isso é o mesmo que estudar não apenas o processo e a identificação do lugar por meio do nome, mas também o conjunto indissociável do espaço e do nome deste.

As entrevistas orais realizadas com os Participantes serviram para que se alcançasse um outro tipo de registro do topônimo: o registro oral das memórias desses entrevistados que revelam histórias vividas e vivenciadas. Na ficha lexicográfica que segue adiante, serão apresentados trechos dessas entrevistas. Isso posto, elencam-se alguns pontos que se destacaram:

- O grupo entrevistado tinha acima de 70 anos e era composto por aposentados, autônomos, lavradores, donas de casa, artesãos, professores, comerciantes, entre outras ocupações.
- Todos os informantes responderam a todas as perguntas do questionário oral.
- Dos 10 informantes acima de 70 anos, sete ofereceram alguma explicação acerca da história e do significado do nome do lugar tratado no questionário.
- Dos 10 informantes, sete deles atrelaram os nomes dos distritos a homenagens ao Monsenhor José Silvério Horta;

Traçar uma análise dos dados coletados é de suma importância para que seja construído um perfil toponímico e, também, para que seja resgatada parte da memória e do patrimônio cultural imaterial presente em um passado próximo, aspecto que foi reproduzido na fala dos idosos entrevistados. Aliada à pesquisa de campo, que busca o conhecimento das parcialidades locais/regionais, a Toponomástica, como parte de sua metodologia, também dispõe dos estudos documentais, além das análises de estruturas linguísticas, a fim de

se chegar a aspectos históricos e socioculturais. O distanciamento temporal e espacial em que o pesquisador se encontra da ocorrência (doação ou aparecimento do nome em um traço da paisagem), que ele deve analisar e concluir praticamente, justificaria a busca dicionarizada, em textos próprios, o que permitirá adequar o significado da palavra terminológica ao âmbito geral da criação semântica (Dick, 2006, p. 107).

A ficha lexicográfica desempenha um papel essencial na compreensão e análise de um topônimo, para compreender seu significado, sua relevância e importância histórica e cultural.


<p>(1) Topônimo: Monsenhor Horta</p> <p>Entidade: antropocultural</p> <p>Classificação taxionômica e justificativa: axiotopônimo.</p> <p>Topônimos relativos aos nomes próprios de pessoas, acompanhados de algum título.</p> <p>Estrutura morfológica do sintagma toponímico: Elemento específico composto. NCm [Ssing].</p> <p>Origem: portuguesa (cf. Guérios, 1981)</p> <p>Motivação toponímica: Acredita-se que a motivação esteja ligada ao legado de José Silvério Horta, pelo seu trabalho e pelas suas contribuições para a comunidade.</p> <p>Histórico: Monsenhor Horta < São Caetano do Ribeirão Abaixo < Sam Caetano</p> <p>Variação: não foram manifestados outros nomes atuais para o distrito.</p> <p>Conhecimento enciclopédico: “sobr. port. geogr.: “terreno de hortaliças” (Guérios, 1981, p. 127).</p> <p>Resgate memorialístico oral:</p> <p>1) “É por causa do santo, Monsenhor Horta, que foi vigário aqui, muito tempo, não é? Então na morte dele era São Caetano e em homenagem a ele passou nome Monsenhor Horta” (AMP93M) (Entrevista n. 61).</p> <p>2) “Uai, é porque ultimamente, pelo que fiquei sabendo, dizem que ele ficava até aqui em casa, essa casa aqui. E ele toda vida foi muito milagroso, até hoje. Ês estão até querendo ver se faz a beatificação dele, não é!? Mas é porque ele morava aqui, então não sabe o porquê, não é? Então, primeiro o padroeiro é São Caetano, e aqui ficou com nome de Monsenhor Horta porque ele ficava aqui, daqui ele ia aí para baixo, coitado, a cavalo. Hoje em dia ês vai de carro, vai de moto...ele ia a cavalo, coitadinho. Só tinha um burrinho que andava aqui. Mas eles falam que ele era de Barra Longa. Que é[le] nasceu em Barra Longa. Eu tenho até a oração dele aqui, sabe? Que eu rezo todo dia. Mas aí a gente não sabe, não é, por conta de quê” (NSS78F) (Entrevista n. 63).</p> <p>3) “É por causa de um padre que morou aqui. Dizem que é isso, não é? Aquele padre Monsenhor Horta que tem lá no hospital, sabe? A estátua que tem lá? É aquele. [...] Ês conta também que um bispo que tinha em Mariana, há muitos anos atrás, o anel dele agarrou no dedo e não tinha nada que tirava. Nem o médico não tirou. Ele chegou e falou “não, a coisa boba, quer ver...”, e saiu. Ele é muito virtuoso. Por isso que a gente chama Monsenhor Horta. Que ele trabalhou aqui também, não é? Foi vigário aqui” (MFM79F) (Entrevista n. 66).</p> <p>4) “É porque o...aqui, na épa(época)...aqui morreu um padre. Muitos anos, é, para trás. Aí ês falava assim, não sei ê[le] vivia, se ele era curador. E...eu não sei, falava assim “vou lá no Monsenhor Horta”. Vou lá no padre, lá no Monsenhor Horta. Aí ficou esse padre, você entendeu? É igual Mariana, por que que Mariana ficou Mariana. Mariana o...o...a...o cara, a família viajar falava assim “vou em Maria, eu volto”. Aí pôs o nome dela de Maria Ana. Mari Ana que ela chama” (LLN79M) (Entrevista nº67).</p> <p>5) “É porque tinha um padre aqui e ele chamava Monsenhor Horta. Nisso, ficou, o lugar também deixaram o nome de Monsenhor Horta. Ficou o nome de Monsenhor Horta. Aqui nós somos, São Caetano, São Caetano que é o padroeiro aqui. E mas o padre esteve aí muito tempo, ficou, eles deram esse nome” (EF96F) (Entrevista n. 68).</p> <p>Resgate documental escrito: Registros Paroquiais – ano 1721 – códice 124 – auto 2509 [fl.2 L.8-12] “Aos vinte e quatro dias do mes de Junho de mil setecentos e dezoito annos dei á sepultura hum escravo de Joaõ da Cunha [ilegível] nesta Matriz de S. Caetano deq. fis este asento dia, mes, e era...”</p>

Fonte: elaborada pelas autoras.

Sobre a evolução das denominações do topônimo, constatamos a seguinte evolução: *Sam Caetano* (1721) > *São Caetano do Ribeirão Abaixo* – *Monsenhor Horta*. Ou seja, o topônimo *Sam Caetano* evoluiu para *São Caetano do Ribeirão Abaixo* que, por sua vez, foi alterado para *Monsenhor Horta*. A transformação sonora, ou metaplasmo, pela qual a forma *Sam* > *São* passou é chamada de nasalização que é “um tipo especial de assimilação parcial na língua portuguesa, dada a sua frequência de ocorrência” (Viaro, 2011, 179): houve a síncope do *m* que afetou a vogal anterior *a*, que se tornou nasalizada.

Segundo Buarque e Pires (2012), Monsenhor Horta foi presbítero de Mariana, nasceu em 1859 e faleceu em 1933. Durante o tempo em que foi sacerdote, 47 anos, o pároco oferecia suporte a bispos e arcebispos em práticas político-administrativas da Cúria de Mariana, atuando como secretário da Arquidiocese e vigário-geral. Além disso, foi cônego da Sé e dedicava sua vida aos pobres, aos enfermos e àquelas pessoas que estavam em busca de consolo espiritual. Monsenhor também atuou, por algum tempo, como exorcista do Bispado. De acordo com os autores, Monsenhor teve como inspiração, em suas práticas e jornada, a figura do cura d’Ars (São João Maria Vianey), que fora canonizado em 1925. Guardião da fé e da cultura, Monsenhor era um líder que se envolvia em causas sociais e dos direitos humanos, e sua imagem transcende as fronteiras do tempo, visto que, até hoje, recebe homenagens de devotos, bem como de demais religiosos e moradores da cidade. Mas o padre, lembram os autores, também promovia diálogo para que houvesse mudanças históricas na Arquidiocese de Mariana: engajamento dos leigos no apostolado, e defesa de critérios ético-culturais como a valorização do trabalho. Ainda conforme os autores, em 2010, a Arquidiocese de Mariana instaurou a abertura do processo de beatificação de Monsenhor Horta.

Interessante registrar que o distrito, que recebera o nome de São Caetano, padroeiro local, viu-se com o nome alterado para homenagear um outro “homem de Deus”, mas que era pertencente à região de Mariana. Ou seja, mesmo que tenha havido a substituição dos nomes – de São Caetano para Monsenhor Horta, ambos personagens ligados à religião católica – preferiu-se que o “santo local” cedesse seu nome ao espaço físico no qual residiu e fez suas práticas religiosas, oferecendo mais intimidade com os moradores, do que um santo que nunca conheceram, como era São Caetano, de origem italiana. Pelos depoimentos registrados na ficha, percebe-se um certo orgulho dos Participantes em registrar seus conhecimentos acerca do Pároco.

TOPÔNIMO OFICIAL: MONSELNHOR HORTA	
Decreto-Lei Estadual n. 1.058, de 31 de dezembro de 1943 (MINAS GERAIS, 1943)	
Fonte: APM, 1930/1950	
DADOS BIOGRÁFICOS:	
"Monsenhor José Silvério Horta nasceu na fazenda de Monte Alegre, em Gesteira, Distrito de São José da Barra Longa, no dia 20 de junho de 1859. Era filho de José Caetano Ramos Horta e Ana Jacinta Gomes de Figueiredo Horta e irmão de Afonso, Carlos, Maria, Manoel e Artur" (ARQUIDIOCESE DE MARIANA, 2024).	
DECLARAÇÃO DO INFORMANTE SOBRE O TOPÔNIMO:	
"É por causa da atitude dele, um padre muito cuidadoso, não é? Fazia muito milagre e faz até hoje. Então, em homenagem a ele" (AMP92M).	

Fonte: dados elaborados pelas autoras.

4. CONCLUSÃO

O ato de nomear um espaço geográfico não é isento de intenções, visto que a escolha não é aleatória: o nome escolhido traz em si a cultura e a visão de mundo de seus denominadores. No caso sob análise, a troca do nome de um santo por outro parece não ter afetado a fé do povo local, visto que, nesse caso, usando um fraseologismo popular “despiu-se um santo para vestir outro”, mas um outro que fosse um dos seus.

Vale aqui registrar que, conforme discutido inicialmente, o signo linguístico, de acordo com Saussure, é arbitrário e imotivado. O topônimo, por sua vez, é um signo motivado, o nome de um lugar sempre tem motivações para sê-lo, como bem menciona Dick (1992, p. 18): “o que era arbitrário em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo”.

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. de A. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras-Geografia**, Porto, v. XIV, p. 77-97, 1998. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1609.pdf>. Acesso em: 20/08/2024.
- ASSMAN, A. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Trad. Paulo Sorthe. Campinas: Unicamp, 2011.
- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. **Filologia e Língua Portuguesa**, São Paulo, Humanitas Publicações/FFLCH/USP, n. 2, p. 81-118, 1998. Disponível em: https://dlcv.fflch.usp.br/files/Biderman1998_0.pdf. Acesso em: 20/08/24.
- BUARQUE, V.; PIRES, T. **Monsenhor José Silvério Horta e a espiritualidade do bom pastor (1859-1933)**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.
- DAUZAT, A. **Les noms de lieux**. Paris: Delagrave, 1926.

- DICK, M. V. P. A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a.
- DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e Antroponímia do Brasil**: coletânea de estudos. São Paulo: Annablume, 1999.
- DICK, M. V. de P. do A.. Os nomes como marcadores ideológicos. In: **Acta Semiótica et Lingvistca**, SBPL-SP, Editora Plêiade, v.7, p.97-122,1998.
- DICK, M. V. de P. A. Fundamentos teóricos da toponímia estudo de caso: o projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais. In: SEABRA, M. C. T. C de. **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: FALE, 2006.
- DUARTE JÚNIOR, J.F. **Por que Arte-Educação?** Campinas: Papyrus, 1988.
- FONSECA, C. D. **Arraiais e vilas d'el rei**: espaço e poder nas Minas setecentistas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GUÉRIOS, R. F. M. **Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes**. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Ave Maria Ltda. 1973.
- GUÉRIOS, R. F. M. **Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes**. Editora: Ave Maria, 1981
- HALL, S. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LOPES, I. **A toponímia de Mariana e de seus distritos**: estudo de um patrimônio léxico-histórico-cultural. 2024. 294 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2024.
- MELO, P. A. G. de. Antroponímia municipal alagoana: um estudo onomástico de nomes de cidades do Estado de Alagoas. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 90-107, 2012.
- MINAS GERAIS, Decreto-lei n. 1.058, de 31 de dezembro de 1943. Fixa a divisão administrativa e judiciária do Estado de Minas Gerais, que vigorará, sem alteração, de 1º de janeiro de 1944 a 31 de dezembro de 1948, e dá outras providências. **Diário Oficial da Assembleia Legislativa de Minas Gerais**, Minas Gerais, Belo Horizonte, 31 dez. 1943. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/texto/DEL/1058/1943/>. Acesso em: 25 mar. 2024.
- MURAKAWA, C. de A. A.; NADIN, O. L. (Org.). **Terminologia**: uma ciência interdisciplinar. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013;
- NEVES, V. L. H. **Nomes próprios comerciais e industriais no Português**: um aspecto da nomenclatura do comércio e da indústria em Belo Horizonte. 1971. 201 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1971.
- OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N.(Org). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande-MS: Ed. UFMG, 1998.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. SP: Cultrix, 1995
- TRINDADE, C. R. **Archidiocese de Mariana**. Subsídios para sua história. São Paulo: Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus, 1928.
- VASCONCELLOS, D. P. R. de. **Pessoas ilustres da capitania**. Ouro Preto: Imprensa Oficial de Minas Gerais, 1904.
- VIARO, M. **Etimologia**. SP: Contexto, 2011.